

HISTÓRIA DOS JORNAIS ERÓTICOS BRASILEIROS DOS SÉCULOS XIX E XX¹

Natanael Duarte de Azevedo²

RESUMO

A presença da pornografia na literatura passa a ser considerada como categoria a partir do século XIX através de suas qualidades formais, que criam possibilidades de análise que abrangem a intencionalidade da inserção do texto pornográfico e/ou a sua funcionalidade nos gêneros literários. Essa segunda possibilidade dá margem ao estudo dos elementos pornográficos da sátira, que servem de instrumento de crítica ao poder. Amparados em postulados teóricos de Hodgart (2010) e Frye (2014), segundo os quais a pornografia serve de instrumento para construção da sátira, vista pela ótica do ataque, buscaremos analisar de que modo a pornografia foi tomada como recurso satírico pelos jornais pornográficos brasileiros do final do século XIX e metade do século XX. Para compreender o contexto de produção e circulação dos jornais pornográficos e, conseqüentemente, como estes se apropriaram da pornografia, é necessário realizar uma investigação por meio dos métodos propostos pela História Cultural (CHARTIER, 1991 e 2007), segundo o qual a história da leitura e da literatura só se faz se o pesquisador levar em consideração as práticas e os modos de leitura, assim como a apropriação e a representação do discurso de uma dada época. Nossa pesquisa aborda, de modo mais específico, os discursos pornográficos e políticos que constituíram os jornais pornográficos para analisar os pontos de tensão e organização destes discursos em relação à crítica política presente no impresso. O objetivo de

- 1 Esse capítulo é o resultado parcial da pesquisa que recebe o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na modalidade Bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ2).
- 2 Professor Adjunto de Literatura da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE; docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PROGEL) e do Programa de Pós-Graduação em História (PGH). Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq (PQ2), natanael.azevedo@ufrpe.br.

nossa pesquisa é compreender o discurso pornográfico nos jornais catalogados e a sua relação com a História da Literatura por meio da pornografia e da política. Nosso corpus será formado pelos gêneros utilizados para edição dos jornais que tratavam de questões pornográficas e político-sociais.

Palavras-chave: História da Literatura brasileira, História Cultural, Pornografia, Política, Sátira.

INTRODUÇÃO

Estabelecer como marco temporal da pesquisa o final do século XIX e o início do século XX, precisamente o intervalo entre os anos de 1898 e 1912, se justifica devido ao período de circulação dos jornais que tomo aqui como objetos de análise: *O Rio Nu* (1898-1916) e *O Riso* (1911-1912). Apresento como hipótese que o discurso pornográfico nos jornais brasileiros *O Rio Nu* e *O Riso* e as suas relações com a história da literatura ocorrem por meio do estreito diálogo estabelecido entre “pornografia e política” (AZEVEDO, 2015, p. 24). Essa hipótese apresentada trouxe algumas implicações para a construção do arcabouço teórico-metodológico empreendido na pesquisa, uma vez que considero a perspectiva de que o jornal pornográfico era um bem simbólico (BOURDIEU, 2005) e, portanto, deveria ser investigado pela História da Literatura e pela História Cultural, considerando o seu papel tanto na difusão e circulação de ideias, como nos modos de leitura e escrita no período da *Belle Époque* brasileira.

Nesse sentido, esta pesquisa justifica a sua importância e originalidade por resgatar uma parte da História da Literatura e da Leitura que caiu no esquecimento e por construir uma metodologia de análise voltada para a pornografia enquanto categoria literária, além de direcionar a investigação para objetos históricos como os jornais, e não apenas se voltar para a pesquisa nos livros que insistiram em permanecer na memória de alguns estudiosos da temática pornográfica (EL FAR, 2004; DEL PRIORI, 2005 e 2011). A escassez de pesquisas dessa natureza talvez se justifique pelo que alertou Alexandrian (1993, p. 9), em sua publicação francesa no ano de 1989³, “(...) os preconceitos, as falsas apreciações abundam, pois ele [o erotismo] não é ainda um objeto de tese universitária, com pesquisas aprofundadas e aparato crítico.”. Claro que vejo que essa afirmação não se aplica a pesquisas de sociologia, psicologia, psicanálise, entre outras, mas percebi na busca de material para fundamentação teórica da pesquisa uma certa dificuldade no que diz respeito aos estudos da literatura pornográfica, em especial, a que circulou em jornais jocosos que traziam em sua composição a temática da pornografia.

Assim, decidi me debruçar sobre o processo de composição e apropriação da pornografia na História da Literatura Brasileira, em especial, os escritos em jornais, uma vez que literatura e jornalismo se confundiam no cenário

3 A versão portuguesa com que trabalhei data de 1993, mas o texto editado pela *Éditions Seghers*, Paris, é de 1989.

brasileiro oitocentista: “A questão é que, na virada do século XIX para o XX, os campos literário e jornalístico ainda não eram tão distintos assim” (COSTA, 2012, p. 33).

Ao tratar da pornografia, faz-se necessário contextualizar o tema e situá-lo na história, uma vez que penso como Hunt (1999), para quem “a Pornografia tem uma História”, pois a pornografia assume diversas facetas no decorrer do tempo. Hunt (1999) identifica três momentos cruciais de formação da pornografia na arte: 1º) Na Antiguidade greco-romana: o erotismo sempre esteve presente nas produções humanas como representação do desejo da carne; 2º) No Renascimento europeu: a pornografia é citada pelos estudiosos como “primeira fonte moderna” (HUNT, 1999, p. 25) a partir dos escritos de Pietro Arentino (século XVI); 3º) Na ascensão da imprensa no século XIX: a pornografia só assume o *status* de categoria literária e representação visual a partir do século XIX, uma vez que “seu significado político e cultural não pode ser separado de seu aparecimento como categoria de pensamento, representação e regulamentação” (HUNT, 1999, p. 11), quando “a cultura impressa possibilitou às massas a obtenção de escritos e ilustrações” (HUNT, 1999, p. 13). Esse terceiro momento histórico apontado por Hunt (1999) é o que mais me interessa para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que trabalho com jornais que circularam no período da transição do século XIX para o XX.

Destaco que, muito embora a pesquisa inicial se debruce pelos jornais *O Riso* (1911-1912) e *O Rio-Nú* (1898-1916), aproximei-me de outros periódicos que continuam esquecidos pela historiografia da literatura como *O Bicho* (1903-1914), *Ceará Nu* (1901), *O Chico* (1906), *O Coió* (1901-1902), *A Coisa* (1902), *A Farpa* (1910), *A Maçã* (1922-1929), *Mascote* (1904-1912), *O Nabo* (1900), *Nuzinho* (1902), dentre outros que podem ser descobertos com a pesquisa, que se inserem em um contexto histórico de ascensão burguesa que, segundo Sodré (2011), estava diretamente relacionada à “grande imprensa” e à “imprensa política”. Essa ascensão burguesa se refletia tanto no melhoramento das publicações, como no investimento em máquinas tipográficas mais modernas.

Percebo que, com o desenvolvimento da pesquisa, muitos romances folhetins, romances curtos, contos e poesias pornográficas sucumbiram ao silenciamento imposto pelo cânone e manuais de literatura brasileira, contrariando a diversidade e heterogeneidade de textos literários que compõem os jornais mencionados acima, dos quais boa parte se encontra digitalizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Ressalto que dada à complexidade da composição do impresso finissecular, precisamos delimitar nosso *corpus* durante a execução desse projeto aos romances folhetins e romances curtos

(AZEVEDO, 2015) que circularam nos jornais *O Riso* (1911-1912) e *O Rio Nu* (1898-1916).

METODOLOGIA

Os estudos acerca da pornografia há muito têm causado controvérsia no âmbito acadêmico por sua natureza controversa, devido a sua forma (jornais e livros esquecidos pela história da literatura) e o seu conteúdo (o sexo explícito). Decidi observar a pornografia por meio da representação de seu discurso e de sua relação com o meio político-social nos jornais que circularam na sociedade brasileira, uma vez que entendo que a “literatura pornográfica atua na fronteira do espaço social” (MAINGUENEAU, 2010, p. 23). Partindo do pressuposto de que o tom satírico do impresso se apropriou da pornografia como categoria literária para nortear e atrair o público leitor, é possível pensar que, na sátira, a pornografia se instaura como elemento constitutivo do ataque (in) direto ao regime republicano, em especial o hermismo, vislumbrado a partir dos gêneros analisados na pesquisa, que tinham como “pano de fundo” a pornografia e como intenção-fim a crítica político-social.

O grande desafio desta investigação, inédita no meio acadêmico, é, portanto, dar visibilidade a esta temática recorrente nos impressos que serão catalogados. Assim, proponho criar formas de compreender a pornografia enquanto categoria literária, dando a conhecer o modo e o conteúdo como esta tem se apresentado nos séculos XIX e XX, ou seja, descrever as referências pornográficas que traziam em seu discurso um ataque ao governo vigente por meio das capas do jornal, das crônicas e sua associação a fotografias de nu explícito, das caricaturas, das colunas políticas e, por fim, do romance folhetim pornográfico.

A primeira fase centrou-se na arqueologia e catalogação dos periódicos disponíveis do final do século XIX e consiste em localizar e conhecer o *corpus* – romances folhetins e romances curtos –, identificando-os, descrevendo as suas características, situando-os em suas condições de produção e circulação, tendo em vista a formulação de critérios para a sua leitura, principalmente no que tange às questões da pornografia enquanto categoria literária, através da identificação da sátira e da alegoria (HODGART, 2010; HANSEN, 1989; FRYE, 2014).

A segunda fase se voltou para organizar e analisar os dados acima inventariados. Do ponto de vista das sátiras, foram ressaltadas aquelas que dizem respeito à leitura, ao leitor, ao escritor, as formas de apropriação de acordo com os mecanismos alegóricos, pois se trata de um dispositivo da invenção do

autor para criticar um governo de forma explícita ou não, estando em sua condição de produção a *invention*, apropriando-se de um discurso que diz *b* para representar *a*, ou seja, como a alegoria se reveste de um sentido para representar outro. Nas fases acima descritas, estão previstas uma revisão bibliográfica e, à medida que os dados forem coletados, a elaboração de uma pequena história do gênero, com critérios para sua organização e leitura.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao se pesquisar a pornografia na literatura, faz-se necessário contextualizar o tema e situá-lo na história. Busquei, assim, reconhecer, na construção heteróclita desse cenário da imprensa, nos séculos XIX e XX, a pluralidade de produções literárias e a diversidade das práticas de leituras, no que diz respeito à temática da pornografia, levando em consideração a relação entre obra e comunidade leitora.

É a partir de uma relação especular entre a obra e o leitor que o texto literário passa a significar, ou seja, fazer sentido para um sujeito em particular. Sendo assim, entendo que os pressupostos de estudiosos da História Cultural como Michel de Certeau (2006; 2012), Pierre Bourdieu (2005) e Roger Chartier (1991; 1997; 2004) indicam que não basta ao texto literário existir, ele é materializado pelo sentido empreendido pelo sujeito leitor, ou seja, a apropriação do impresso pelo leitor será responsável por toda representação de sentido da obra e da sociedade na qual ela foi lida.

O reconhecimento de uma comunidade leitora por meio de suas práticas, gestos, apropriação de leitura, requer um trabalho de investigação que considere todas as estratégias utilizadas para a concretização do ato de ler. Em outras palavras, entendo que a pesquisa deve privilegiar não só o texto escrito e legitimado pela história, mas os diversos gêneros literários que circularam no Brasil de fim de século XIX e metade do século XX.

Vale salientar que vários impressores se valeram da divulgação não só das prateleiras, mas, principalmente, pelas chamadas ininterruptas dos periódicos acerca das obras obscenas, trazendo grandes lucros tanto para os editores como para os impressores, que em alguns casos tinham o apoio velado da polícia brasileira:

A. A. da Cruz Coutinho estabeleceu-se no Rio de Janeiro por volta de 1855. Nessa cidade, publicou alguma coisa de literatura brasileira, como, por exemplo, *Gonzaga* (1875), de Castro Alves, e a quinta edição de *Espumas Flutuantes* (1881), do mesmo autor, mas concentrou-se em publicações obscenas,

protegido por uma força policial complacente e pelas “frouxas leis do Brasil” (HALLEWELL, 2005, p. 272).

O sucesso de vendas era tamanho que muitos outros impressores/livreiros se aventuraram nessa seara que descortinava os desejos mais íntimos dos leitores brasileiros de final de século XIX. Um outro personagem muito conhecido da história luso-brasileira do livro foi o Quaresma, que fundou a Livraria do Povo em 1879, no Rio de Janeiro, e atraiu um grande público para a aquisição de seus livros baratos, de fácil leitura e acesso financeiro, em especial, jovens escritores que faziam da livraria do Quaresma um ponto de encontro e leitura diária⁴.

Quaresma abriu no fim da década de 1870 sua Livraria do Povo. Além de vender livros usados e algumas raridades bibliográficas, editou inúmeros romances, livros de trovas e cantigas e até mesmo os chamados “romances para homens”, de teor picante e proibidos às moçoilas de boa família (EL FAR, 2010, p. 95).

A escolha por esses gêneros literários se deu pela grande circulação que eles tiveram no Brasil dos séculos XIX e XX (EL FAR, 2004), e também pela possibilidade de apreender a representação da temática do amor e do/a erotismo/pornografia, uma vez que são modelos tanto da literatura cortês – da arte de cortejar o amor da mulher pretendida – como da pornografia que corria “às escuras” pelas mãos dos leitores.

Dessa forma, vê-se que a apropriação da pornografia feita pelos autores⁵ dos “romances para homens” se deu de forma heterogênea, uma vez que alguns romances privilegiam a obscenidade declarada, mas, em outros momentos do mesmo romance, há uma predileção pela sexualidade velada. Por fins didáticos, adoto a perspectiva de que tais romances devem ser analisados pela ótica da pornografia, uma vez que vejo uma postura *voyeurista*⁶ dos leitores.

4 Cf. Hallewell (2005) para mais detalhes sobre a história da Livraria do Povo, de Quaresma.

5 O plural utilizado em « autores » não se dá apenas pela diversidade de escritores do gênero pornográfico, mas em sua acepção mais ampla, segundo os pressupostos da história da literatura: deve-se investigar um livro pelos vieses que contemplem “a análise dos diversos autores (copistas, editores, livreiros, impressores, revisores, tipógrafos) e as diferentes operações que participam do processo de publicação dos textos.” (CHARTIER, 2010, p. 38)

6 Prazer sexual na observação por meio do olhar. Para mais detalhes, cf. Freud, 1989 [1905].

A partir desses gêneros literários populares – romances para homens – muito comuns nas prateleiras das livrarias, no comércio informal de livros e nos periódicos Oitocentistas (EL FAR, 2004), encontrei pistas que revelam as preferências do público leitor da época por determinadas leituras. Tais pistas vão desde os meios de impressão, circulação, materialidade e o valor dos periódicos até os modos de leitura dos sujeitos letrados⁷ do Brasil no fim do século XIX. Essa prática de reconhecer a materialidade do texto e a prática de leitura durante uma investigação segue o que propõe Darnton (2010, p. 145): “Com efeito, a tipografia, o estilo e a sintaxe determinam como os textos transmitem os sentidos.”.

Sobre os estudos que abordam a literatura erótica, nos “romances para homens”, no Brasil do século XIX e início do século XX, tomo como suporte teórico as pesquisas de Alessandra El Far (2004) e Mary Del Priori (2011), que indicam como, por que e em que condições foram lidos os romances pornográficos no século XIX.

É nesse jogo fronteiro entre as práticas de leitura e a representação da sociedade por meio da literatura que proponho uma investigação que contribua tanto para os estudos da História da Literatura como da História Cultural, uma vez que busco traçar o perfil da sociedade luso-brasileira no século XIX através do acesso aos romances pornográficos.

Vejo nessa relação entre a pornografia e a política, presente nos gêneros literários populares do Brasil Oitocentista, a possibilidade de se pensarem questões sobre o sujeito leitor e suas práticas de leitura, que necessitam de uma contextualização física, espacial e temporal para poder fazer significar um texto.

Saliento que para uma investigação que vê a realidade como forjada, ou representada, faz-se necessário recorrer aos postulados teóricos da História Cultural, tomando como objeto de estudo documental a ficção que circula em determinado período da história, ou melhor, da apropriação que se faz de textos ficcionais na tentativa de construir uma representação da sociedade, “daí a apropriação, por algumas ficções, das técnicas da prova próprias da história, a fim de produzir não “efeitos de realidade”, mas sim, preferencialmente, a ilusão de um discurso histórico” (CHARTIER, 2010, p. 28).

7 Segundo Costa (2012, p. 77): «Daria para projetar uma massa de mais de 80% de analfabetos na população geral do país.»

No que diz respeito à sátira, essa sempre foi vista nos estudos da literatura como um gênero menor, que buscava, pelas técnicas do maldizer, por meio de versos, provocar o riso e o escárnio.

A poesia tende a continuamente ajustar seu próprio equilíbrio, a retornar ao padrão de desejo, afastando-se do convencional e do moral. Ela comumente o faz na sátira, o gênero que se encontra mais distante da “seriedade elevada”, ainda que nem sempre (FRYE, 2014, p. 290).

Apesar de a sátira ser vista à margem dos conteúdos sérios da sociedade, ela se reveste de diversos discursos, que vão da moral ao achincalhamento. Autores como Aristophanes, Juvenal (HODGART, 2010), Aretino (HUNT, 1999), Matos (HANSEN, 1989), assim como os editores de jornais do final do século XIX e início do XX, apropriaram-se da técnica da sátira por diversas formas, tais como: a crítica, a chantagem, o desejo, a paixão e a política. Nesse sentido, a pesquisa privilegia duas situações específicas: a sátira a serviço da moral (HANSEN, 1989) e a sátira como um instinto humano de ataque (HODGART, 2010).

Frye (2014) demonstra uma linha tênue da utilização da sátira com normas morais e com a troca de insultos:

[...] a sátira é uma ironia militante: suas normas morais são relativamente claras e ela pressupõe padrões contra os quais o grotesco e o absurdo são medidos. A invectiva transparente, ou troca de insultos (“desafio”), é uma sátira em que há relativamente pouca ironia (FRYE, 2014, p. 369).

Elementos distintos como a crítica, a chantagem, o desejo, a paixão e a política compõem-se como temas para sátira, fato este que me leva a concordar com Hodgart (2010) que, mais que um gênero, a sátira é um movimento de linguagem que faz parte da condição humana no que diz respeito ao ataque a outrem, uma vez que, movidos pela crítica, chantagem, desejo, paixão e política, sempre nos colocam numa relação de disputa e poder em relação ao outro.

A expressão humana de desprezo, boca torta e gargalhada simulada, parece estar arraigado a essas exhibições de ameaça. O impulso satírico está, mais provavelmente, ligado a esse tipo de comportamento agressivo do que ao ataque aberto,

como fazem os animais contra as espécies diferentes⁸ (tradução minha).

Mas, enquanto linguagem artística, não posso afirmar que basta existir a contenda, seguida do ataque, para caracterizar-se como sátira. O desdém ou o desprezo tornam-se arte, ou sátira, quando esse ataque se faz por meio da fantasia, ou seja, o sátiro deve criar uma fantasia, pautada na realidade, para poder atacar a sua vítima. A fantasia não pode ser vista como o fantástico, uma vez que o tema abordado pela sátira deve existir e ser partilhado pela sociedade para configurar-se como sátira, pois esta carrega na pena o ideal de militância, seja ela de cunho social, política, sexual etc. Se ficar apenas no campo do fantástico, torna-se mera ficção, ou melhor, “a sátira requer, pelo menos, uma fantasia indicativa, um padrão moral implícito, sendo este último essencial em uma atitude de militante em face da experiência” (FRYE, 2014, p. 369).

Em se tratando do jornal pornográfico, percebo que a associação do riso à indignação de parte da sociedade se faz constitutiva do periódico, que pela veia cômica buscou retratar (des)casos políticos e sociais, fato este que traz a essência da sátira, segundo Hodgart (2010).

A relação da sátira com a pornografia e com a política representa bem o meu objeto, uma vez que a proposta editorial se sustenta nesses dois eixos temáticos, além de trazer também os outros elementos constitutivos da sátira, desenvolvidos nos demais gêneros presentes no jornal (conto, crônica, carta do leitor, anedotas etc.).

Na presente pesquisa, tomo como fontes documentais o “material da época estudada”, segundo Martins (2005, p. 310), e “objeto” como “resultados de práticas culturais de um tempo e de uma época, que circulavam em determinados suportes e eram produzidos e consumidos por certa comunidade” (BARBOSA, 2014, p. 14). Ou seja, as fontes documentais são os jornais que circularam no Brasil entre os séculos XIX e XX com temas pornográficos, uma vez que, ao trabalhar com a História da Literatura, faz-se necessário me colocar no lugar do historiador que precisa de fontes para construir um momento da história que busco resgatar, pois os jornais (como os demais objetos culturais) “revelam sobre as sociedades às quais eles pertencem” (PINSKY, 2005, p. 10).

8 “The human expression of contempt, the curling lip and the mocking laugh, seem to be rooted in such threat displays; and the satiric impulse is probably more closely connected with this kind of aggressive behaviour than with overt attack, such as animals make against other species.” (HODGART, 2010, p. 10-11)

Ressalto que o jornal não é tomado em minha pesquisa como reprodução fiel da realidade da sociedade brasileira de oitocentos, mas como representação, ou seja, a realidade que é vista pela ótica das suas representações, considerando a sociedade como realidades de diversos sentidos, uma vez que toma para si a possibilidade de ir do discurso ao fato (CHARTIER, 2002). Dessa forma, é pelo discurso que está em volta de uma dada época que o jornal se constitui.

À guisa de uma pesquisa historiográfica da literatura, penso em um estudo que se alia à história da leitura, levando em conta o jornal como “bem simbólico” (BOURDIEU, 2005), dotado de diversos gêneros textuais e de diversos discursos que circularam no Brasil oitocentista. Esse aspecto da natureza heteróclita do jornal, como aponta Barbosa (2007), é constituído na e pela heterogeneidade e pluralidade dos diversos gêneros que compõem o impresso. A partir dessa premissa, examino as nuances do tema da pornografia utilizada de forma satírica e alegórica para persuadir o leitor em relação a temas políticos e/ou sexuais.

Sobre a alegoria presente nos jornais oitocentistas, Barbosa alerta que:

[...] como se trata de jornais do século XIX, cuja linguagem predominante é a alegórica, é preciso também verificar em que medida aquele texto, aparentemente sem sentido, não guarda em si uma relação “secreta” com alguma notícia dada no mesmo jornal (BARBOSA, 2007, p. 36).

Como se pode perceber, Barbosa (2007) afirma que há uma relação direta entre a alegoria e a composição dos jornais do século XIX. Com base nas observações a respeito da alegoria nos jornais pornográficos, irei analisar a apropriação da pornografia enquanto alegoria e sátira presentes nos impressos. Dessa forma, o fio condutor para se chegar a um modelo de análise da pornografia enquanto categoria será a representação dos discursos presentes nos jornais eróticos que circularam no cenário brasileiro de transição de século (XIX-XX).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas ações que permitem a preservação e a salvaguarda do patrimônio literário, cultural e artístico, destaco que a pesquisa aqui apresentada atingiu alguns resultados potencialmente inovadores, pela sua temática, por meio da relação entre bens culturais e a representação da comunidade leitora oitocentista e da *Belle Époque* brasileira, como: a) organização e seleção de

fontes primárias; b) divulgação de periódicos poucos (ou quase nada) investigados na academia; c) criação de banco de dados⁹ historiográficos da literatura dos séculos XIX e XX, entre outros. Destaco, também, que o reconhecimento de literaturas marginais que apenas são tangenciadas pela historiografia da literatura, além do resgate e divulgação de periódicos pornográficos, pode se alinhar a alguns projetos que vêm sendo desenvolvidos por pesquisadores¹⁰ que buscam (re)construir a historiografia da literatura por meio de fontes silenciadas pelo cânone literário.

Nesse sentido, a pesquisa traz contribuições alinhadas aos trabalhos que tomam o jornal como objeto de análise literária, uma vez que, por mais crescente que seja o número de pesquisadores e materiais publicados na área da literatura, há um número reduzido de trabalhos que tomam a pornografia como categoria, devido a sua temática conflitante. Para a construção de uma pesquisa desse porte, foi necessário inserir-se em uma perspectiva interdisciplinar, que visou à manipulação de bens culturais (impressos dos séculos XIX e XX) e à análise por meio dos pressupostos teórico-metodológicos da História da Literatura e da História Cultural.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRIAN, (Sarane). **História da literatura erótica**. ed 2. Trad. Ana Maria Scherer e José Laurênio de Mello. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

AZEVEDO, Natanael Duarte de. **Trajetórias pornográficas: O Riso pronto para o ataque, uma história dos jornais eróticos brasileiros**. Tese (Doutorado) - UFPB/CCHLA, João Pessoa, 2015.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Literatura e periódicos no século XIX: perspectivas históricas e teóricas**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

9 Apresento alguns exemplos bem-sucedidos de salvaguarda e compartilhamento de fontes para pesquisas com jornais e livros: Projeto “Jornais e folhetins literários da Paraíba no século XIX”, coordenado pela Prof.ª Dr.ª Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (UFPB). Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/jornaisefolhetins/equipe.html>. Acessado em 08/10/2018. Projeto “Paris na América: site e banco de dados de romances franceses do Grêmio Literário Português do Pará”, coordenado pela Prof.ª Dr.ª Valéria Augusti (UFPA). Disponível em: <https://parisnaamerica.org/>. Acessado em 02/02/2019.

10 Cf. Márcia Abreu (2008), Germana Sales (2019), Eduardo da Cruz (2019), entre outros.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Livros e periódicos nos séculos XVIII e XIX**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. ed 6. São Paulo: Perspectiva, 2005. (Coleção estudos: 20).

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. ed 2. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. ed 19. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In **Estudos Avançados** 11(5), 1991. p. 173-191.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos Livros**. Trad. Leonor Graça. Lisboa: Vega, 1997.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime**. São Paulo: Ed. Unesp, 2004.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Trad. Cristina Antunes. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

COSTA, Carlos. **A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro**. São Paulo: Alameda, 2012.

CRUZ, Eduardo da. Uma feminista portuguesa no Brasil – A propaganda de Ana de Castro Osório no romance *Mundo Novo*. **Revista Araticum**. Programa de Pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Unimontes v.19, n.1, p. 39-53, 2019. ISSN: 2179-6793.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DEL PRIORI, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

DEL PRIORI, Mary. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de Sensação**: Literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

EL FAR, Alessandra. Ao gosto do povo: as edições baratíssimas de finais do século XIX. In: BRAGANÇA, Anibal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil**: dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010, p. 89-99.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a sexualidade. In.: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Vol. VII. 2 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

FRYE, Northrop. **Anatomia da crítica**: quatro ensaios. Trad. Marcus de Matini. São Paulo: Realizações Editora, 2014.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil**: Sua História. Trad. de Maria da Penha Villalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora Da Universidade de São Paulo, 2005.

HANSEN, João Adolfo. **A sátira e o engenho**: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

HODGART, Matthew John Caldwell. **Satire**: origins and principles. New Brunswick (U.S.A.) and London (U.K.): Transaction Publishers, 2010.

HUNT, Lynn. **A Invenção da Pornografia**: Obscenidade e as Origens da Modernidade. ed 1. São Paulo: Hedra, 1999.2

MAINGUENEAU, Dominique. **O Discurso Pornográfico**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial (Série Língua[gem], n. 42), 2010.

MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira. História da Ciência: objetos, métodos e problemas. **Ciência & Educação**. vol. 11, n. 2, 2005, p. 305-317. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n2/10.pdf>. Acessado em 17/09/2014. PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.